CISION

Expresso

Meio: Imprensa
País: Portugal
Área: 687,84cm²
Âmbito: Economia, Negócios.
Period.: Semanal
Pág: 13

ID: 119425190

03-10-2025 | ECONOMIA, IMOBILIÁRIO & E.

De saída do Banco de Portugal, Centeno ainda esteve na conferência sobre a resolução dos bancos FOTO MATILDE FIESCHI

Uma década a salvar bancos: que balanço?

Sector bancário carece ainda de um **seguro europeu de depósitos** e uma rede de liquidez robusta, apontam especialistas

MARIANA COELHO DIAS

"Em dez anos, resolvemos vários bancos sem gastar um único euro de dinheiro dos contribuintes." Foi com esta frase que Dominique Laboureix, presidente do Conselho Único de Resolução (SRB), resumiu o balanço do Mecanismo Único de Resolução (SRM) na conferência que assinalou na segunda-feira, em Lisboa, o 10º aniversário deste instrumento europeu de gestão de crises bancárias.

O sistema deu ao Banco Central Europeu (BCE) a supervisão das principais instituições e entregou ao SRB e às autoridades nacionais a responsabilidade de intervir em bancos em dificuldades, apoiados por um fundo financiado pelo sector. Já o terceiro pilar — um sistema comum de garantia de depósitos — continua por concretizar, deixando o projeto incompleto.

Para o ainda governador do Banco de Portugal, Mário Centeno, o sector bancário europeu está hoje "mais sólido e resiliente", com elogios a Portugal, onde se reduziu substancialmente o rácio de crédito malparado na última década e os bancos melhoraram a sua rendibilidade. "A estabilidade financeira foi o maior sinal de sucesso da Europa", disse, apontando que a prioridade agora deve ser completar a União Bancária.

Laboureix lembrou dois testes de fogo ao mecanismo: a resolução do Banco Popular, em Espanha, em 2017, e do Sberbank Europe, em 2022, na Áustria e na Europa Central. Em ambos, os acionistas e os credores assumiram as perdas, sem custos para os governos. Sublinhou também que a experiência portuguesa nos casos Banco Espírito Santo/Novo Banco e Banif foi "fundamental para moldar as estratégias europeias".

O responsável destacou ainda o papel do Fundo Único de Resolução, hoje com mais de €80 mil milhões, como peça central para a confiança, e apresentou a estratégia "Vision 2028", que pretende reforçar a cooperação entre autoridades e preparar o regime para riscos emergentes, da cibersegurança às crises aceleradas pelas redes sociais.

Integração por concluir

No painel dedicado ao papel da resolução bancária como pilar da estabilidade, Elisa Ferreira, ex-comissária europeia, recordou que o SRM surgiu depois de uma década em que "os contribuintes pagaram uma fatura demasiado elevada" para salvar bancos. O mecanismo, disse, foi criado para inverter essa lógica e proteger os depositantes e o interesse público.

Apesar dos avanços, alertou para falhas que podem comprometer o sistema. "Uma pedra em falta pode destruir toda a barragem", afirmou, sublinhando que sem um seguro europeu de depósitos o mercado fica vulnerável. Defendeu ainda a criação de um mecanismo de liquidez credível, para que bancos solventes não sejam forçados a fechar portas por falta de financiamento.

Pedro Machado, do BCE, reforçou que o SRM já demonstrou ser um pilar de estabilidade, mas ressalvou que o caso do Credit Suisse mostrou como as necessidades de liquidez em crises graves podem superar os recursos disponíveis. Também Marc Dobler, do Fundo Monetário Internacional (FMI), considerou que o regime teve "um excelente começo", mas continua exposto sem seguro comum de depósitos, sem o chamado *backstop* do Mecanismo Europeu de Estabilidade e sem uma rede de liquidez comparável à dos Estados Unidos.

Por seu turno, Karl-Philipp Wojcik, da Comissão Europeia, lembrou, a respeito das fronteiras jurídicas da resolução, que o sistema foi contestado em mais de 450 ações judiciais, sobretudo após a resolução do Banco Popular, mas que os tribunais confirmaram a legalidade das decisões.

Já Carlos Costa Pina, da SRS Legal, descreveu a resolução como um "mundo de excecionalidade", admitindo que em crises extremas pode ser inevitável recorrer a fundos públicos. Ana Perestrelo de Oliveira, professora da Universidade de Lisboa, acrescentou que o regime passou o "teste de constitucionalidade", apontando a jurisprudência do Novo Banco como exemplo da tensão entre flexibilidade regulatória e proteção dos investidores.

A conferência promovida em Lisboa serviu também para perspetivar a próxima década. Karen Braun-Munzinger, do SRB, defendeu que a resolução não é "algo que se coloca na prateleira", mas um exercício contínuo de treino. Fernando Restoy, do BIS — Banco de Compensações Internacionais, considerou que a falta de uma rede credível de liquidez penaliza os bancos europeus e defendeu o avanço da União Bancária e da União dos Mercados de Capitais.

Já Álvaro López Barceló, presidente do FROB (autoridade espanhola de resolução de bancos), destacou que as corridas aos depósitos aceleram com a digitalização e as redes sociais, o que exige respostas mais rápidas, e defendeu o reforço do instrumento de venda de negócios como opção de resolução. Geraldine Thiry, do Banco Nacional da Bélgica, introduziu o conceito de "robustez", defendendo um sistema capaz de absorver choques inesperados, dos ciberataques aos riscos climáticos.

Para a comissária europeia Maria Luís Albuquerque, o SRM é hoje um pilar essencial da União Bancária, mas o projeto permanece incompleto. A ex-ministra das Finanças acrescentou que a próxima década deve ser marcada por mais integração, com um sector bancário capaz de apoiar o crescimento e a estabilidade em todos os Estados-membros.

O vice-governador do Banco de Portugal, Luís Máximo dos Santos, por seu lado, lembrou que a resolução bancária era há pouco mais de uma década "um território por explorar", mas hoje existe um quadro operacional completo, com provas dadas em crises reais. E considerou que o futuro deve centrar-se em testar na prática os instrumentos criados, mantendo regras firmes para proteger os depositantes e reforçar a confiança no sistema.

mcdias@expresso.impresa.pt

FRASES

"Em 10 anos resolvemos vários bancos sem gastar um euro de dinheiro dos contribuintes"

Dominique Laboureix
Presidente do Conselho Único de Resolução

"A estabilidade financeira foi o maior sinal de sucesso da Europa"

Mário Centeno
Governador do Banco de Portugal